

BJIR

Brazilian Journal of
International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 9 | edição nº 1 | 2020

*Realismo neoclássico e o nível
doméstico: a dança das variáveis
intervenientes*

Gustavo Fornari Dall'Agnol

 Igepri
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 unesp
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),
EBSCO Publishing e Latindex

REALISMO NEOCLÁSSICO E O NÍVEL DOMÉSTICO: A DANÇA DAS VARIÁVEIS INTERVENIENTES

Gustavo Fornari Dall'Agnol¹

Resumo: O presente artigo visa a explorar teoricamente o nível doméstico no programa de pesquisa do Realismo Neoclássico. Para tal, revisa-se o programa desde suas origens na década de 1990 até seu desenvolvimento mais atual, aqui analisado na obra de Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016). Faz-se uma revisão crítica do emprego das variáveis domésticas, de maneira, aqui argumentada, indiscriminada e prejudicial ao futuro do programa de pesquisa. Ademais irá propor-se que o Realismo Neoclássico, como possível solução, reorganize as variáveis de nível doméstico empregadas em suas análises e construções teóricas, de maneira a dar primazia a variáveis mais ligadas à ontologia e epistemologia realista. Conclui-se que essa é uma maneira para superar as críticas feitas ao programa de pesquisa, que do ponto de vista do presente estudo, vem contribuindo decisivamente para o estudo da política internacional e pode continuar a fazê-lo.

Palavras-Chave: Realismo Neoclássico; Nível Doméstico; Variáveis Intervenientes.

NEOCLASSICAL REALISM AND THE DOMESTIC LEVEL: THE INTERVENIENT VARIABLE PARADE

Abstract: The present paper aims at theoretically exploring the domestic level in the Neoclassical Realist research program. In order to do so, it analyzes the program since its origins in the 1990 towards its most recent development, expressed by the work of Ripsman, Lobell and Taliaferro (2016). A critical review of the employment of domestic variables is realized, arguing that they are introduced in a non-systematic manner and are an obstacle for the future of the research program. Beyond that, it will be proposed, that Neoclassical Realism, as a possible solution, reorganizes its domestic level variables employed in their analysis and theoretical constructions, in a manner of giving primacy to variables closer to the realist ontology and epistemology. The conclusion is that this is one way of overcoming the critics towards the research program, which from the perspective of this work, has been contributing decisively to the study of international politics and can keep doing so.

Key-words: Neoclassical Realism; Domestic Variables; *Realpolitik*

¹ Doutorando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Mestre em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: gustfd@gmail.com

I. Introdução

Domestic and international politics are but two different manifestations of the same phenomenon: the struggle for power. Hans J. Morgenthau (1964, p. 38).

O presente estudo trata-se de uma investigação teórico-analítica do nível doméstico dentro do programa de pesquisa do Realismo Neoclássico. O estudo observa que a utilização de variáveis intervenientes domésticas pelo Realismo Neoclássico foi alvo de críticas e gera problemáticas teórico-analítico. A utilização das variáveis domésticas, que não são comumente abordadas pela tradição realista estrutural prejudica o poder analítico do Realismo Neoclássico? O programa de pesquisa neoclássico tornou-se degenerativo? Quais são os principais desafios para o futuro do Realismo Neoclássico ao lidar com o nível doméstico? Argumenta-se, nesse estudo, que o programa de pesquisa neoclássico não se tornou degenerativo, no entanto, o uso indiscriminado de variáveis domésticas, advindas de teorias concorrentes, tornou o Realismo Neoclássico mais próximo da Análise de Política Externa e do ecletismo do que de uma construção teórica própria, conforme ambicionado por Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016).

Dessa forma, um dos principais desafios para o futuro do programa de pesquisa é o refinamento do nível doméstico de análise em seus modelos, atribuindo distinção causal para suas variáveis, e priorizando as variáveis mais ligadas a ontologia e epistemologia realistas. Objetiva-se, com esse estudo, realizar uma revisão do *estado da arte* do tema e de maneira propositiva, sugerir possíveis caminhos para o futuro do programa de pesquisa. Tal pesquisa justifica-se, pois a relação entre o nível doméstico e internacional se trata de um dos principais debates não resolvidos da teoria das relações internacionais (WALTZ, 1996). Além disso, o programa de pesquisa do Realismo Neoclássico segue realizando importantes contribuições para o campo, portanto, torna-se fundamental discuti-lo.

Para trabalhar a problemática e objetivos supracitados, o presente artigo divide-se em três tópicos. Um primeiro tópico é dedicado a compreensão do Realismo Neoclássico e a evolução do programa de pesquisa. Começa-se definindo o programa conforme identificado por Gideon Rose (1998) e distinguindo-o de alternativas teóricas, em especial, suas “correções” ao Neorealismo. Apresenta-se ainda, um segundo tipo de Realismo Neoclássico desenvolvido ao longo dos anos, através de publicações que ambicionavam entender o comportamento dos Estados de maneira mais geral. Finalmente, apresenta-se o modelo proposto por Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016), onde os autores propõem formular uma teoria realista neoclássica da política internacional.

A partir do modelo apresentado por Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016), o segundo tópico é dedicado a explorar criticamente os quatro grupos de variáveis intervenientes domésticas organizadas pelos autores em seu modelo, a saber: a) *Percepção do Líder*; b) *Cultura Estratégica*; c) *Relações Estado-Sociedade* d) *Instituições Domésticas*. A discussão do nível doméstico feita no segundo tópico leva a revisão das críticas no *estado da arte*, bem como o enfrentamento da problemática supracitada, no terceiro tópico do presente trabalho. Argumenta-se que o Realismo Neoclássico não é um programa de pesquisa degenerativo, e possui o potencial de gerar importantes futuras pesquisas. Sugere-se, no entanto, que o nível doméstico seja trabalhado de maneira *RealInnenpolitik*, se reaproximando dos pressupostos tradicionais do Realismo. Para tal, alicerçado na teoria das elites, propõe-se um modelo de análise preliminar, que melhor hierarquize as variáveis domésticas. Argumenta-se que uma proposta nesse sentido pode auferir maior poder analítico, gerar pesquisas empíricas, bem como pode ser frutífero em termos analítico-teóricos para o futuro do Realismo Neoclássico.

II. A Evolução do Pensamento Realista Neoclássico

O propósito da presente secção é delinear o surgimento e evolução conceitual do Realismo Neoclássico dentro da comunidade epistêmica das Relações Internacionais. Para tal, se analisará os principais temas trabalhados por esse programa de pesquisa, as variáveis empregadas, e como o Realismo Neoclássico se diferencia, também, de outros paradigmas de análise das relações internacionais. O objetivo, pois, dessa secção, é situar o Realismo Neoclássico no debate mais amplo das Relações Internacionais, para melhor adentrar o tema específico do presente estudo, a saber, o nível doméstico para o Realismo Neoclássico em sua forma mais atual².

O primeiro autor a cunhar o termo Realismo Neoclássico foi Gideon Rose (1998). Em seu artigo Rose (1998, p. 144) argumenta que até então o debate em Relações Internacionais havia sido dominado pelo Neorealismo de Kenneth Waltz e seus críticos. O problema é que Waltz não possuía a intenção e não imaginava frutífera a elaboração de uma teoria da política externa³. Schweller (2003, p. 313) afirma que não há como elaborar progressivamente o

² Entende-se como forma mais atual do Realismo Neoclássico a obra: (RIPSMAN, TALIAFERRO, LOBELL, 2016). Muito embora, no livro, os autores argumentem que “É possível haver várias teorias neoclássicas da política internacional” a ambição do livro é criar uma teoria generalizante dos modelos neoclássicos de análise.

³ Waltz afirma que as teorias “devem lidar com a lógica coerente de objetos autônomos. Já que a Política Externa é determinada por ambos fatores domésticos e internacionais, ela não constitui um objeto autônomo, e, dessa forma, não se deve buscar uma explicação teórica dela. Deve-se, ao invés, estar satisfeito com ‘meras análises’, que incluem quaisquer fatores relevantes para um determinado caso”. No original: “must deal with the coherent

Neorealismo de Waltz, pois se trata de uma teoria internamente consistente e altamente dedutiva. Ele afirma que não há “nada mais a fazer no neorealismo que Waltz não tenha feito” (Schweller, 2003, p. 313). A partir desse impasse teórico, para Rose, é que surgem quatro escolas para explicar a política externa, a saber: *Innenpolitik*, Realismo Ofensivo, Realismo Defensivo e Realismo Neoclássico.

As teorias chamadas *Innenpolitik* assumem que a política externa é definida pela ação dos atores domésticos e possui diversas variáveis (grupos de interesse, estrutura partidária, instituições). O problema da *Innenpolitik* surge quando Estados similares agem diferentemente e Estados diferentes agem de maneira semelhante (Rose, 1998). O Realismo Ofensivo e o Realismo Defensivo partem da estrutura do sistema internacional⁴ para explicar a ação dos Estados, enquanto o primeiro afirma que a anarquia força os Estados a expandirem-se, o segundo afirma que eles tendem a balancear.

Gideon Rose (1998, p. 152-154) entende que o Realismo Neoclássico surge como uma escola alternativa para explicar política externa e se diferencia das três supracitadas. No Realismo Neoclássico há apenas uma variável independente, a saber, a distribuição relativa das capacidades materiais entre os Estados, mas que é filtrada por variáveis intervenientes no nível doméstico. Dessa forma, os Estados não respondem de maneira automática ao Sistema Internacional e, por outro lado, também não são só a representação de interesses domésticos, como afirmam, segundo o Realismo Neoclássico, os teóricos da *Innenpolitik*.

Gideon Rose define o Realismo Neoclássico como uma escola de pensamento, a partir da análise uma série de publicações com essas características na década de 1990. (BROWN, 1995; CHRISTENSEN, 1996; SCHWELLER, 1998; WOHLFORTH, 1993; ZAKARIA, 1998). Rose destaca duas variáveis intervenientes, no nível doméstico, como contribuições fundamentais dessa escola, a saber, a percepção dos líderes quanto ao Sistema Internacional e a capacidade de mobilização de recursos por parte do Estado. Dessa forma, o Realismo Neoclássico seria um refinamento do realismo estrutural em dois aspectos: na problematização da *racionalidade* e na construção de capacidades materiais (NARIZNY, 2017). Para Rose (1998, p. 168-170) o futuro do desenvolvimento do Realismo Neoclássico como escola caberia em explicar como a percepção dos líderes é moldada, explicar porque diferentes estruturas

logic of "autonomous realms." Since Foreign Policy is driven both by internal and external factors it does not constitute such an autonomous realm, and therefore, we should not strive a truly theoretical explanation of it. Instead, we must rest content with “mere analyses” or “accounts”, which includes whatever factors appear relevant to a particular case (WALTZ, 1996, p. 54-55) Ver também: (ELMAN, 1996).

⁴ Cabe destacar, no entanto, que mesmo autores estruturalistas, quando analisam a política externa, utilizam-se de variáveis domésticas. Ver: (MEARSHEIMER, WALT, 2006).

estatais conseguem mobilizar diferentemente recursos⁵. O autor, antecipadamente, no entanto, já adverte: “Se os realistas neoclássicos continuarem a incorporar variáveis intervenientes no nível de unidade no argumento baseado em poder, ironicamente, eles podem encontrar-se esbarrando nas análises dos Innenpolitikers vindo da outra direção” (ROSE, 1998, p. 170)⁶.

Ripsman, Taliaferro e Lobell (2016, p. 16) argumentam que o Realismo Neoclássico é uma extensão natural do realismo estrutural de Waltz. Todavia, para os mesmos, o Realismo Neoclássico busca corrigir a lógica determinista do realismo estrutural. Os autores argumentam que existem ao menos quatro fatores que limitam o poder explicativo do Neorealismo: a) percepção e *misperception*; b) clareza dos sinais sistêmicos; c) problemas na racionalidade; d) a necessidade de mobilizar recursos.

Quanto ao primeiro, os neoclássicos argumentam que a percepção dos tomadores de decisão quanto à distribuição de poder, os possíveis cursos de ação, entre outros, podem afetar não só a política externa daquele país, como a política internacional (JERVIS, 1976; WOHLFORTH, 1993). A variação da política externa de líder para líder, torna, portanto, o realismo estrutural incompleto, e para o Realismo Neoclássico é necessário incorporar à análise as crenças, personalidades e heurísticas dos tomadores de decisão. Ademais, quanto ao ponto “b”, os tomadores de decisão não sempre possuem todas as informações necessárias quanto ao sistema internacional, por conseguinte “um amplo leque de escolhas na política externa e resultados da política internacional estão situadas fora do alcance da teoria estrutural da política” (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, p. 22)⁷.

Do ponto de vista do presente estudo, é no supracitado ponto “d” (necessidade de mobilizar recursos) que o Realismo Neoclássico faz sua contribuição mais pertinente. O neorealismo pressupõe que os Estados respondem automaticamente aos imperativos sistêmicos e os recursos estão sempre à disposição para serem mobilizados. Conforme desenvolvido por (CHRISTENSEN, 1996; ZAKARIA; 1998; TALIAFERRO, 2009)⁸, existem diversos possíveis entraves para um Estado eficientemente mobilizar e extrair os recursos materiais necessários para implementar uma estratégia. Para os autores, por exemplo: “Estados menos autônomos devem frequentemente barganhar com legisladores, elites, e grupos sociais sobre quais

⁵ Um modelo de mobilização de recursos foi proposto, posteriormente, por Taliaferro (2009).

⁶ As traduções nesse artigo são próprias. No original: If neoclassical realists continue to incorporate unit-level intervening variables into their basic power-oriented argument, ironically, they might find themselves bumping into chastened Innenpolitikers coming from the other direction (ROSE, 1998, p. 170).

⁷ No original: “a broad range of foreign policy choices and international political outcomes must lie outside the purview of a structural theory of international politics”.

⁸ Autores como George Tsebelis (2002) e Graham Allison (1999) apontam, respectivamente, “veto players” e estruturas burocráticas como atores domésticos relevantes nesse sentido.

políticas a escolher e quanto recurso deve ser dedicada a elas” (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, p. 25)⁹.

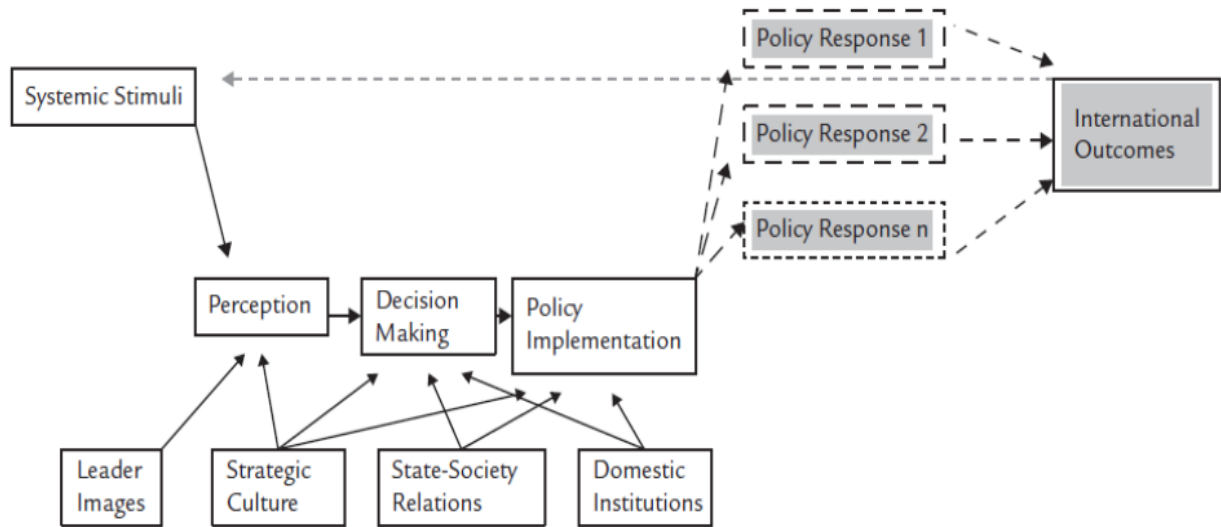
Diante da percepção desses quatro problemas, o Realismo Neoclássico se propõe a “corrigir” o Neorealismo e auferir mais poder analítico ao realismo. Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016) identificam três tipos de Realismo Neoclássico na trajetória do programa de pesquisa. O primeiro tipo é aquele discutido por Rose (1998), apresentado acima, que incorpora as percepções dos líderes e a política doméstica como variáveis intervenientes. Já o segundo tipo avança no sentido de não somente explicar anomalias, mas também política externa e escolhas estratégicas. Para os autores do segundo tipo (DUECK, 2009; WOLFORTH, 2009; STERLING-FOLKER, 1997):

As escolhas que os Estados realizam tem muito mais a ver com a visão de mundo dos líderes, as culturas estratégicas dos países que os mesmos lideram, as coalizões domésticas que representam, e os constrangimentos políticos domésticos que limitam suas habilidades de agir e implementar as várias opções de política (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, p. 29)¹⁰.

Antes de propriamente adentrar a temática específica do presente estudo, a saber, o nível doméstico de análise para o Realismo Neoclássico, convém apresentar, de maneira sucinta, o que Ripsman, Lobell e Taliaferro identificam como um terceiro tipo de Realismo Neoclássico. Os autores (2016), afirmam que “nós iremos ampliar as fronteiras da teoria realista neoclássica nos próximos três capítulos para formar o alicerce de um realismo neoclássico Tipo III: uma teoria realista neoclássica da política internacional” (p. 32). A empreitada parte da percepção, por parte de Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016, p. 32) que os dois primeiros tipos do Realismo Neoclássico eram restritos em suas variáveis dependentes (ao comportamento dos Estados), e não desenvolviam como a variável independente (estímulo sistêmico) e as intervenientes (fatores domésticos) atuavam no sistema de causalidade. Eles pretenderam, portanto, elaborar uma teoria de política internacional neoclássica, que explicasse tanto os estímulos sistêmicos, como o nível doméstico e os *outcomes* do sistema internacional. Para tal, os autores organizam as variáveis neste modelo analítico (Figura 1):

⁹ No original: “less-autonomous states must frequently bargain with legislators, power brokers, and societal groups over both the policies chosen and the amount of resources to be devoted to that purpose”.

¹⁰ The actual choices states make under these circumstances may have far more to do with the worldview of the leaders, the strategic cultures of the states they lead, the domestic coalitions they represent, and the domestic political constraints on their ability to enact and implement various policy alternatives” (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, p. 29).

Figura 1. O Modelo de Política Externa do Realismo Neoclássico

Fonte: Ripman, Lobell, Taliaferro (2016, p. 81)

A partir da Figura 1 nota-se, logo de princípio, o largo escopo explicativo a que se pretende o Realismo Neoclássico. Com relação as variáveis domésticas, o terceiro tipo de Realismo Neoclássico (Figura 1) busca responder a críticas feitas principalmente por Stephen Walt (2002, p. 211) de que o Realismo Neoclássico incorpora variáveis doméstica de maneira *ad hoc* e que não há qualquer relação de hierarquia para explicar os efeitos das diferentes variáveis. O tópico seguinte é dedicado a discutir as variáveis domésticas para o Realismo Neoclássico, da maneira apresentada por Ripman, Lobell e Taliaferro (2016).

III. Nível Doméstico: A dança das variáveis

Conforme evidenciado no modelo acima (Figura 1) os proponentes do terceiro tipo do Realismo Neoclássico respondem aos seus críticos organizando as variáveis intervenientes (domésticas) em quatro categorias a) *Percepção do Líder*; b) *Cultura Estratégica*; c) *Relações Estado-Sociedade*; d) *Instituições Domésticas*. O propósito do presente tópico é apresentar e discutir essas categorias, além de identificar algumas limitações e desafios ao emprego das mesmas.

III.1. Percepção do Líder

O primeiro grupo de variáveis intervenientes se encontra na figura do líder. Suas percepções e imagens de mundo. Para os realistas neoclássicos, o que eles chamam de *Foreign Policy Executive* (FPE) é o responsável por perceber o estímulo sistêmico (variável independente) e

responder a ele. Para os mesmos a liderança é separada do resto da sociedade, principalmente quando o processo decisório se dá em um momento de crise, já que o acesso exclusivo a informações não disponíveis ao público e a responsabilidade, faria com que a *raison d'état* se sobressaísse ao agregado de interesses domésticos trabalhados pelos teóricos da *Innenpolitik*. Para os mesmos: “As percepções dos líderes são importantes porque podem afetar o primeiro dos três processos intervenientes críticos- percepção do estímulo sistêmico (...) constrangimentos cognitivos (...) como códigos operacionais, o erro de atribuição, lições da história, o papel da personalidade, dinâmica de grupo e *group think*, e as crenças e imagens dos líderes” (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016, p. 62)¹¹.

É importante salientar, que fora da tradição realista, o papel do líder é considerado variável chave diferentes abordagens, como, por exemplo, para Valerie Hudson (2014, p. 34). Além disso, pode-se mencionar os estudos que dão ênfase a aspectos psicológicos e cognitivo-comportamentais¹². Isso não é um problema, *a priori*. No entanto, incorporar tais variáveis poderia ser um empecilho no sentido da ambição de formular uma teoria realista do cenário doméstico. Buscando se utilizar variáveis de teorias que partem de ontologias irreconciliáveis, a incorporação de variáveis não materialistas coloca a teoria no caminho da “análise” e do ecletismo teórico. Esse ponto será melhor discutido mais adiante, já que os realistas neoclássicos não o veem como um problema.

Para além desse fato, cabe-se destacar que uma liderança, logicamente, depende de apoio político dos mais diversos setores. Um líder é escolhido (variando em tipos de regime) através de um processo complexo devendo contar com apoio das elites econômica, militar e política (MILLS, 2000) - e se alicerça diante de um mínimo de legitimidade diante o povo. Não é plausível, na percepção desse artigo, que uma pessoa (ou alguns quadros do governo) –FPE- possa agir em contramão de seus principais sustentadores, sem sofrer consequências imediatas. Não se argumenta aqui, que um líder não é importante. No entanto, como inúmeros fatores que podem intervir, defende-se que o papel do líder não deve ter o mesmo peso causal que outras variáveis mais pertinentes, como a mobilização de recursos, por exemplo, trabalhada mais adiante.

¹¹ Leader images are significant because they can affect the first of the three critical intervening processes- perception of the incoming systemic stimuli (...) cognitive constraints (...) as operational codes, the fundamental attribution error, lessons from history, the role of personality, group dynamics and group think, and the beliefs and images of leaders (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016, p. 62).

¹²Para uma boa compreensão dos modelos que enfatizam os aspectos psicológicos na análise de política externa e tomada de decisão, ver: (MINTZ, ROUEN, p. 97-121).

III.2. Cultura Estratégica

O segundo grupo de variáveis intervenientes identificada pelo Realismo Neoclássico é a Cultura Estratégica de um determinado Estado, entendida como a organização militar e burocrática do mesmo, as crenças enraizadas, expectativas e visão de mundo de uma determinada sociedade (GOLTSEIN, KEOHANE, 1993; SNYDER, 1991). Da mesma forma que as percepções dos líderes, a cultura estratégica não faz parte das variáveis normalmente utilizadas pela tradição realista. Isso não necessariamente contradiz a proposta neoclássica de que “O realismo neoclássico não é *sui generis*, mas ao invés é a extensão lógica da tradição realista (...) ele corrige a lógica do determinismo externo do realismo estrutural” (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, p. 16)¹³. No entanto, esse ponto também reitera um dos questionamentos do presente trabalho: até que ponto a inclusão indiscriminada de variáveis de outras teorias pode prejudicar a construção de uma teoria do Realismo Neoclássico, conforme pretendido pelo terceiro tipo dessa corrente?

Uma das contribuições caracterizadas como fazendo parte do Realismo Neoclássico que se utiliza desse grupo de variáveis é aquela de Charles Kupchan. Kupchan argumenta que a Cultura Estratégica está amplamente enraizada na sociedade, moldando o pensamento das elites políticas e até mesmo da opinião pública. Esse processo se daria através da institucionalização e socialização de regras e normas (KUPCHAN, 1994). Em consequência, as ações dos Estados estariam estrangidas pelo aquilo que determinada sociedade considera decisões aceitáveis. Nesse caso, o ecletismo se torna evidente, na medida em que tal perspectiva é claramente aquela também desenvolvida pela Escola Inglesa e pelo Construtivismo.

A inclusão de variáveis ideacionais gera problemas ontológicos e epistemológicos, a saber, o debate entre materialismo e idealismo. Para os realistas neoclássicos, no entanto, isso não afeta o programa de pesquisa dos mesmos, já que atribuem primazia as variáveis sistêmicas (materiais) e, por isso, não violam o *núcleo duro* do realismo estrutural (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016). O que se questiona aqui, no entanto, é por que não atribuir primazia as variáveis materiais também no cenário doméstico?

III.3. Relações Estado-Sociedade

¹³ “Neoclassical realism is not *sui generis*, but instead is a logical extension of the realist tradition (...) its specific correctives to the external determinist logic of structural realism (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, p. 16).

A relação entre o Estado e a sociedade é tema de inúmeros trabalhos da tradição Liberal¹⁴ e da Análise de Política Externa, de maneira mais geral (HUDSON, 2014; MINTZ, ROUEN, 2010; MILNER, 1994; 2015). Problemático nesse sentido, é que cada autor dessa atribui diferentes variáveis independentes domésticas como determinantes para a definição da política externa¹⁵. Para os realistas neoclássicos, o que os distingue, ao trabalhar com esse grupo de variáveis, dos autores supracitados é a abordagem *top-bottom*. Isso se deve a necessidade do FPE, em sua posição privilegiada, responder aos incentivos sistêmicos, já que a representação de interesses paroquiais, ou do agregado de grupos de interesse (*bottom-up*), provavelmente levaria ao fracasso da política externa, em termos de segurança nacional (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, p. 168).

Conforme anteriormente mencionado, é implausível a distância auferida entre o FPE e o jogo de poder doméstico feita pelos realistas neoclássicos. No entanto, há duas principais contribuições do Realismo Neoclássico quanto as relações entre Estado e sociedade que merecem destaque nesse momento: a) a capacidade de o Estado extrair os recursos da sociedade necessários para implementação da política externa; b) a coesão das elites governantes que sustentam e se interligam com o alto escalão governamental.

Com relação a primeira, trate-se da contribuição de Jeffrey Taliaferro no desenvolvimento da teoria de extração dos recursos por parte dos Estados. O ponto de partida da teoria é a percepção de que “Mesmo quando confrontados com a mesma ameaça, os Estados variam em sua habilidade de mobilizar recursos para a defesa” (TALIAFERRO, 2009, p. 196). Trata-se de uma teoria para compreender o processo de *Internal Balancing*¹⁶ conforme proposto por Kenneth Waltz (1979). Nas palavras de Sterling-Folcker:

A anarquia não determina como os Estados irão organizar os processos domésticos para atingir tal fim. Os Estados são livres para experimentar, para emular a prática de outros, ou fazer nada. De qualquer forma, os processos domésticos atuam como o último árbitro para a sobrevivência de um Estado no ambiente anárquico (STERLING-FOLCKER, 1997, p. 19)¹⁷.

¹⁴ Ressalva-se que os Realistas Clássicos também trabalhavam com essa temática.

¹⁵ Hellen Milner destaca que o presidente é constrangido por diversas fontes domésticas em suas ações em política externa, como, por exemplo: a) opinião pública; b) grupos de interesse; c) Congresso nacional; d) agências governamentais; e) oposição partidária (MILNER, 2015). Já Hellen Milner (1994, p. 11), de maneira mais sucinta, destaca três fatores fundamentais: a) o interesse dos atores; b) as instituições domésticas; c) a distribuição de informação dentre os atores. Alex Mintz e Karl de Rouen (2010, p. 130) identificam cinco determinantes domésticos para a APE: a) ambiente econômico; b) interesses econômicos; c) opinião pública; d) ciclos eleitorais; e) jogos de dois níveis.

¹⁶ Ver também: (SANTOS, 1996, p. 193-260).

¹⁷ “anarchy does not dictate how states should arrange their domestic processes to achieve that end. States are free to experiment, to emulate one another’s practices, or to do nothing. Nonetheless, domestic processes act as the final arbiter for state survival within the anarchic environment” (STERLING-FOLCKER, 1997, p. 19).

Dentro dessa perspectiva, Thomas Christensen conceitua *National Political Power* como “the ability of state leaders to mobilize their nation’s human and material resources behind security policy initiatives.” (CHRISTENSEN, 1996, p. 11). Taliaferro desenvolve esse conceito como variável interveniente doméstica no processo de *Internal Balancing*, para explicar quando um Estado exerce continuidade, emula ou inova. Em suas palavras: “tal variável interveniente é a capacidade estatal, definida como a habilidade relativa do Estado em extrair ou mobilizar recursos conforme determinado pelas instituições do Estado, nacionalismo e ideologia” (TALIAFERRO, 2009 p. 213)¹⁸.

Com relação ao segundo ponto mencionado, ele foi desenvolvido por Randal Schweller (1998; 2006) em sua Teoria do *Underbalancing* para explicar porque nem sempre os Estados contrabalanceiam ameaças externas. Schweller aponta que o nível de coesão e consenso entre as elites afetam o entendimento de ameaças externas, bem como a escolha da resposta apropriada. Schweller aponta também o nível de coesão societal e a vulnerabilidade do regime, entendidas como a capacidade dos governantes em lidar com diferentes forças políticas domésticas, como variáveis que afetam a capacidade do Estado em mobilizar os recursos necessários e a sociedade para conseguir balancear com sucesso (SCHWELLER, 2006, p. 11-13)¹⁹.

As duas contribuições supracitadas revelam um trabalho mais próximo da tradição realista, ao lidar com o cenário doméstico, do que as contribuições nas áreas de imagem dos líderes e Cultura Estratégica, já que trabalham com capacidades materiais e disputa de poder. No entanto, haja vista todas as outras contribuições aqui mencionadas, das mais diversas linhas teóricas, há ainda dificuldades do Realismo Neoclássico de priorizar variáveis domésticas específicas, para se diferenciar como abordagem concorrente. Segue válida a crítica de Walt (2002), portanto, de que as variáveis intervenientes, dentro do programa de pesquisa neoclássico, são escolhidas de maneira *ad hoc* e não há hierarquia na distribuição causal das mesmas, dentro do modelo analítico proposto.

¹⁸ O problema, na perspectiva desse artigo é que o modelo de Taliaferro, como ele mesmo argumenta “Ele assume que os Estados não sofram dos vários tipos de fragmentação interna, como dissenso entre a elite, ou falta de coesão social, falta de uma coesão étnica-nacionalista, ou vulnerabilidade do regime” (2009, p. 214). Quais são esses países afinal? Além disso, os processos “ideologia, nacionalismo e instituições, são demasiadamente vagos para a sustentação empírica do modelo. Do mesmo modo, a afirmativa que sustenta não só Taliaferro mas também os outros realistas neoclássicos, de que “a noção de que os tomadores de decisão centrais discernem e buscam agir de acordo com os ‘interesses nacionais’ baseados em suas percepções do ambiente internacional é perfeitamente defensável” (TALIAFERRO, 2009, p. 224) parece um tanto vaga e até mesmo ingênua. É possível aplica-la a pelo menos a maior parte dos Estados do Sistema Internacional?

¹⁹ Ainda sobre coesão doméstica, ver: (LOBELL, 1999).

III.4. Instituições Domésticas

O último grupo de variáveis intervenientes proposto pelo Realismo Neoclássico são as instituições domésticas. Tradicionalmente as instituições domésticas são variáveis privilegiadas pela perspectiva liberal. No entanto, diversos realistas neoclássicos incorporam as instituições domésticas em suas análises²⁰ (FRIEDBERG, 2000; SCHWELLER, 1998; TALIAFERRO, 2009; RIPSAN, 2002). Para o Realismo Neoclássico, no caso de democracias, por exemplo, é necessário prestar atenção aos seguintes pontos:

Importantes variáveis institucionais afetando a política externa de democracias incluem o grau em que o poder é concentrado nas mãos do executivo, as relações executivo-legislativo, sistemas partidários e se é um sistema de dois ou mais partidos, regras de votação e se o sistema eleitoral é baseado na polaridade ou representação proporcional e a qualidade do governo e sua competência administrativa (RIPSAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016, p. 76)²¹.

Nesse tópico analisou-se os quatro grupos de variáveis intervenientes domésticas utilizadas pelo Realismo Neoclássico. É inegável a importância do cenário doméstico na análise da política externa e mesmo do sistema internacional. Nas palavras de Henry Kissinger: “O Estadista é inevitavelmente confrontado pela inércia de seu material... O teste ácido da política... é a habilidade de obter suporte doméstico (1957, p. 202). Levantou-se também algumas críticas ao modelo proposto pelos realistas neoclássicos. Na próxima secção se organizará tais críticas, levando em conta, também, outros autores que dialogam criticamente com o Realismo Neoclássico. Além disso, se apontará alguns desafios importantes para a continuidade do programa de pesquisa neoclássico, bem como se irá se propor um possível caminho para superar tais dificuldades. Isso será feito de maneira parcial, pois o presente artigo é recortado somente no nível doméstico da teoria.

IV. Por Que não *Realinnenpolitik*?

²⁰ No ponto de vista desse artigo, no entanto, as instituições devem ser levadas em conta em análises realistas enquanto parte do processo-decisório, em termos de método. Defende-se que as incluir no modelo analítico e na teorização é prejudicial na medida em que a realidade é por demais complexa para capturar todos os seus aspectos. A inclusão de excessivas variáveis, sem distinção de importância entre as mesmas, foge ao escopo da empreitada teórica.

²¹ Important institutional variables affecting the foreign policy of democracies include the degree to which power is concentrated in the executive's hands, executive-legislative relations, party systems and whether it is a two-party or multiparty-system, voting rules and whether the electoral system is based on polarity voting or proportional representation, and the quality of government and its administrative competence (RIPSAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016, p. 76).

Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016) organizam e respondem as críticas feitas ao programa de pesquisa do Realismo Neoclássico. O presente tópico discute essas críticas e busca apontar os problemas do Realismo Neoclássico ao utilizar o nível doméstico. Além disso, visará apontar possíveis soluções para os impasses levantados. Os autores discriminam as críticas ao Realismo Neoclássico da seguinte maneira:

Incorporar variáveis de nível de unidade de maneira ad hoc; (2) não constitui uma teoria coesa; (3) priorize descrição ao invés de poder explicativo e parcimônia; (4) repudia as pressuposições centrais do realismo estrutural e da mais ampla tradição *Realpolitik*; (5) É incapaz de produzir teorias generalizáveis; e (6) demonstra um viés de apenas explicar grandes potências e principalmente os Estados Unidos, possuindo assim pouca utilidade para a maior parte dos Estados (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016, p. 175)²².

As três primeiras críticas estão interligadas. A inclusão de variáveis de maneira *ad hoc* em diferentes trabalhos prejudica a construção de uma teoria coerente. Além disso, privilegia o poder descritivo frente a parcimônia já que as variáveis intervenientes, como visto, em seus quatro grupos, são inúmeras e aplicadas de maneira não sistemática. O presente estudo concorda com as críticas, feitas principalmente por Walt (2002, p. 211), que afirma também que o Realismo Neoclássico “ainda há de oferecer um grupo distinto de hipóteses explicativas”. No entanto, a crítica de que o programa “abriu mão da generalização e do poder preditivo em uma tentativa de ganhar poder descritivo e relevância política” é um pouco mais controversa (WALT, 2002, p. 211).

Argumenta-se aqui que o programa de pesquisa do Realismo Neoclássico possa organizar as variáveis domésticas de maneira hierárquica e em consonância com a uma visão mais propriamente realista. Isso é possível na medida em que variáveis como “aprovação popular”, “capacidade de extrair recursos” e “coesão das elites” estão interconectadas de maneira causal. Quanto à questão da parcimônia, optar pela descrição analítica não é necessariamente ruim. No entanto, o programa de pesquisa neoclássico, se assim o fizer, não deve “temer” se tornar um modelo analítico de análise de política externa, ou ainda, uma abordagem eclética, já que a inclusão de inúmeras variáveis domésticas- conforme visto, derivadas de outras abordagens- é prejudicial a elaboração de uma teoria. Para os Neoclássicos (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016, p. 179) a primazia da estrutura em seu modelo

²² (1) Incorporate unit-level variables in an ad hoc manner; (2) does not yield a coherent theory; (3) prioritizes descriptive accuracy over parsimony and explanatory power; (4) repudiates the core assumptions of structural realism and the broader *Realpolitik* tradition; (5) is incapable of producing generalizable theories; and (6) demonstrates a great power or United States-centric bias and therefore has little utility in explaining the behavior of the vast majority of states (RIPSMAN, LOBELL, TALIAFERRO, 2016, p. 175).

corrigiria esse problema. Defende-se aqui, no entanto, que uma variável independente frente a uma imensa gama de pesquisas com modelos diferentes não os caracteriza como uma teoria própria das relações internacionais.

A quarta crítica supracitada é ainda mais controversa e também está ligada à crítica cinco. John Vasquez argumenta que “uma tentativa de emendar a teoria realista para salvar um núcleo duro desgastado é testemunho da natureza degenerativa do programa de pesquisa realista como um todo” (VASQUEZ, 1997, p. 905)²³. Já Legro e Moravcsik (1999, p. 6), da mesma forma, argumentam que o Realismo Neoclássico abandonou o “núcleo duro” do Realismo e que “the result is that many realists now advance the very assumptions and causal claims in opposition to which they traditionally, and still, claim to define themselves”²⁴. Os autores hipotetizam que: “(...) ‘o realismo’ foi ampliado para incluir pressuposições e mecanismos causais de paradigmas alternativos, mas sem esforço para consertar as contradições resultantes. Os realistas contemporâneos não explicitam um núcleo duro não trivial” (LEGRO, MORAVCSIK, 1999, p. 7)²⁵.

Esses autores defendem, que ao abandonar o núcleo duro da teoria realista²⁶, o Realismo Neoclássico se tornou um programa de pesquisa degenerativo em termos *lakatosianos*. O presente estudo, no entanto, não está de acordo com tal afirmativa, já que, nas palavras de Schweller “o programa de pesquisa está produzindo conhecimento acumulativo? Afinal, conhecimento acumulativo é a condição *sine qua non* do progresso científico (Schweller, 2003, p. 315). O Realismo Neoclássico vem produzindo inúmeras pesquisas frutíferas há vinte anos.²⁷ No entanto, com relação especificamente a temática desse estudo, concorda-se com a crítica levantada por Narizny de que: “O realismo pode incorporar alguns fatores domésticos de maneira consistente com seu núcleo duro, mas ao fazê-lo deve se atentar as fronteiras do paradigma. O realismo neoclássico perpassa tais fronteiras, e, como resultado, recorre em erro” (NARIZNY, 2017, p. 156)²⁸.

²³ “the emendation of realist theory to save a flawed core is testimony to the degenerative nature of the entire realist research program” (VASQUEZ, 1997, p. 905).

²⁵ “(...) ‘realism’ has thus been stretched to include assumptions and causal mechanisms within alternative paradigms, albeit with no effort to reconcile the resulting contradictions, Contemporary realists lack an explicit nontrivial set of core assumptions” (LEGRO, MORAVCSIK, 1999, p. 7).

²⁶ Para os autores o núcleo duro do realismo consiste em três pressupostos: 1) os atores (Estados) são racionais, unitários e vivem em anarquia; 2) as preferências dos Estados são constantes; 3) o Sistema Internacional se caracteriza pela primazia das capacidades materiais (LEGRO, MORAVCSIK, 1999, p. 12- 16).

²⁷ Ver, por exemplo, a teoria do *Granular Balancing* de Steven Lobell (2018, p. 1- 13).

²⁸ Realism can incorporate certain domestic factors in a way that is consistent with its core assumptions, but doing so requires close attention to the boundaries of the paradigm. Neoclassical realism transgresses those boundaries and, as a result, leads to error (NARIZNY, 2017, p. 156).

A crítica de Narizny vai adiante, no entanto. Como Vasquez, Legro e Moravcsik ele afirma que o programa de pesquisa neoclássico é degenerativo pois abandonou pressupostos ontológicos do realismo, o que acarretaria em problemas epistemológicos e falta de coerência teórica. Narizny vai além e afirma que “Faltando coerência interna, o realismo neoclássico se tornou um convite ao erro metodológico e não é mais um paradigma científico. O que deve ser feito? O realismo neoclássico está aquém de salvação: ele deve ser abandonado” (NARIZNY, 2017, p. 188)²⁹. O presente estudo está em desacordo com tal afirmativa, pois argumenta-se aqui que há diversas soluções possíveis para avançar no programa de pesquisa neoclássico, que do ponto de vista desse artigo não precisa ser abandonado e não é degenerativo.

A quinta crítica ao Realismo Neoclássico, de que ele é incapaz de produzir teorias generalizantes, de certa maneira, interconecta as outras críticas e está no cerne do problema. Isso se deve ao fato de que, segue válida a afirmativa de Kenneth Waltz, de que a solução seria: “Prover uma teoria única que seja capaz de explicar o comportamento dos Estados, as interações entre eles e os resultados sistêmicos. Infelizmente, ninguém sugeriu como tal grande teoria possa ser construída, muito menos desenvolveu-a” (WALTZ, 1995, p. 57)³⁰.

Frente a esse fato, resta ao Realismo Neoclássico algumas opções para superar as críticas mencionadas. Uma primeira alternativa, a que demandaria menos esforço, seria abandonar a pretensão de produzir uma teoria generalizadora que incluísse o cenário doméstico com o internacional. Nesse sentido, no entanto, o Realismo Neoclássico seria mais um modelo analítico para análise de política externa e, sim, poderia se confundir com o ecletismo teórico ou outras abordagens *Innenpolitik*, mesmo dando primazia a variável sistêmica. Isso não seria um problema em termos de “degeneração”, segundo o ponto de vista desse artigo, já que o modelo analítico poderia render frutíferas pesquisas. A segunda solução seria uma reaproximação do Realismo Neoclássico com a ontologia realista e a epistemologia nomotética, também ao tratar variáveis domésticas. Essa segunda opção poderia ser explorada tanto para construção teórica, como para aperfeiçoar um possível modelo analítico.

Quanto a segunda solução, sugere-se nesse trabalho, que o Realismo Neoclássico parta da compreensão do nível doméstico através de uma abordagem *RealInnenpolitik*. Isso significaria uma organização das variáveis domésticas de maneira sistemática, priorizando o

²⁹ “Lacking internal coherence, neoclassical realism has become less a scientific paradigm than an invitation to methodological error. What is to be done? Neoclassical realism is beyond saving; it should be abandoned” (NARIZNY, 2017, p. 188)

³⁰ “to provide a single theory capable of explaining the behavior of states, their interactions, and international outcomes. Unfortunately, no one has even suggested how such a grand theory can be constructed, let alone developed one” (WALTZ, 1996, p. 57).

materialismo, o tribalismo e a disputa por poder, sem diferenciar as unidades do sistema. Tal proposta não é necessariamente original, pois há muitas contribuições da Ciência Política, por exemplo, que se alicerçam em tais preceitos, conforme apresentado a seguir.

Na Ciência Política existe uma longa tradição de teorias de disputa pelo poder doméstico³¹, desde o pluralismo de Dahl até a teoria das elites de Charles Wright Mills. Particularmente interessante para o presente estudo é a teoria das elites. A teoria das elites surgiu na Itália no final do século XIX. Seus principais precursores e expoentes foram Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto. Mosca, através de duas obras *Sobre a Teoria dos Governos* e *Sobre o Governo Parlamentar*, publicada em 1884, e *Elementos de Ciência Política* (1896) foi o primeiro a delinear a teoria. O autor, no entanto, preferia o termo “classe política” ao termo elite já que para ele o segundo implicaria em juízo positivo sobre as qualidades dos membros pertencentes a tal grupo. Tanto Mosca quanto Pareto, inspirados pelo positivismo, buscavam auferir cientificidade a Ciência Política através da observação empírica e coleta de documentos históricos com vista a desenvolver leis gerais³².

A existência de uma minoria governante e uma maioria governada na evolução das sociedades, resultado da observação empírica dos autores, era passível de generalização. Mosca, Pareto e a Teoria das Elites foram marginalizados na Ciência Política por se colocarem céticos a mudanças revolucionárias e até mesmo a possibilidade da democracia. Muito embora a conceituação de elite possa resultar em uma análise conservadora, isso não é necessariamente imperativo. Haja visto que, segundo Meynaud “Um dos maiores temas da análise política e, tudo somado, talvez o mais significativo, é determinar quem governa realmente uma dada sociedade” (Apud: BOBBIO, 2016, p. 222-223). Muitos autores não conservadores, como Gramsci e Charles Wright Mills, enfrentaram tal problemática. O conceito de elite foi desenvolvido por Charles Wright Mills da seguinte forma:

A elite que ocupa os postos de comando pode ser considerada como constituída de possuidores de poder, da riqueza e da celebridade (...) a ideia de elite como composta de homens e mulheres com um caráter moral mais apurado é uma ideologia de elite em sua condição de camada dominante privilegiada, e isso é válido tanto quando a ideologia é feita pela própria elite ou quando outros falam por ela (MILLS, 2000, p. 13-14).

A análise feita por Mills em seu livro *Elites do Poder sobre a alta sociedade estadunidense*, pode contribuir bastante para guiar a pesquisa empírica. Mills (2000, p. 4) não

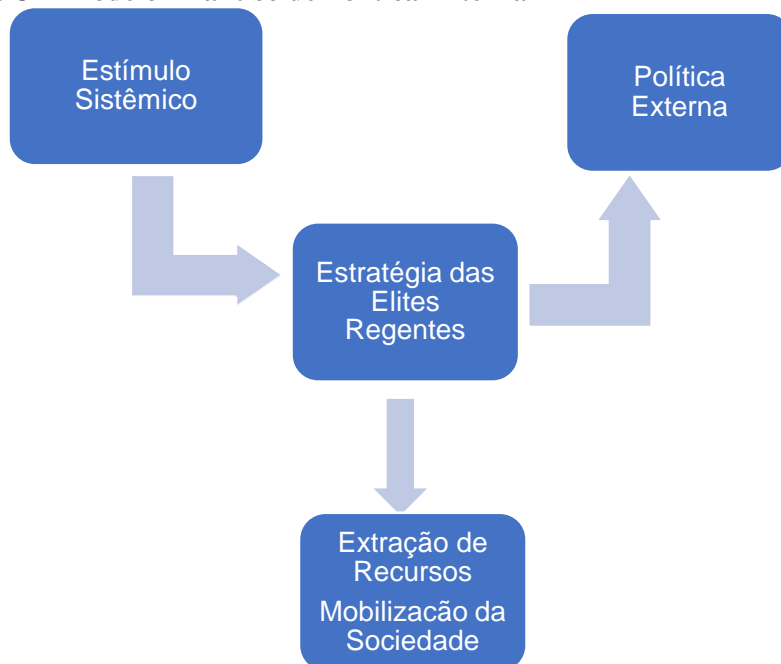
³¹ Ver: TRUMAN, 1971; DAHL, 1967; MILLS, 2000 ; OLSON, 1965; WALKER, 1991; MCFARLAND, 2004; SCHATTSNEIDER, 1975)

³² Para uma melhor compreensão da Teoria das Elites ver: BOBBIO, 2016.

só identificou que, nos Estados Unidos, “a base do poderio nacional está hoje nos domínios econômico, político e militar” como também realizou uma análise empírica de grande folego sobre quem compunha tais elites. Mills observou que as elites se intercambiavam entre esses três setores, com generais comandando empresas, empresários no alto escalão do governo e por assim em diante. Isso auferia as elites um maior grau de coesão, o que é de suma importância para a analisar o processo decisório em política externa.

A perspectiva nomotética da análise das elites, a não diferenciação entre os Estados, seja por critério ideológico ou institucional, a preferência pelo estudo da disputa pelo poder no nível doméstico e a possibilidade de investigar empiricamente as elites regentes e suas estratégias, bem como seu grau de coesão, poderia auferir grande poder analítico ao Realismo Neoclássico. Um ponto de partida é a análise do comportamento dos Estados de acordo com a coesão das elites, feita por Schweller (2006). A capacidade dessas elites extraírem recursos da sociedade, bem como mobilizar a opinião pública para implementar sua estratégia estaria intimamente conectada com a coesão da elite governante. De acordo com uma visão materialista de mundo, defende-se aqui, ademais, que se priorizem, em consonância com Mills, as elites políticas, militares e econômicas, que possuem o controle das capacidades materiais dos Estados. O objetivo desse artigo não é construir uma teoria, mas, apenas analisar alguns pontos para futuras hipóteses e reflexões. Nesse sentido, propõe-se, um possível modelo de análise de política externa, de acordo com as questões discutidas até o momento.

Figura 2. Um Modelo Analítico de Política Externa



Fonte: Elaboração própria.

Conforme mencionado, o modelo trata-se de uma versão preliminar, com o objetivo de desenvolver futuras hipóteses/pesquisas. A variável independente segue sendo o estímulo sistêmico, entendido como a pressão gerada pela distribuição de capacidades materiais em um sistema anárquico. A variável interveniente é a Estratégia das Elites Regentes. Entende-se por elites regentes somente o alto escalão do Estado, o alto escalão militar e a elite econômica, com especial atenção a indústria de defesa. A Estratégia das Elites regentes, podem ser muitas (*bandwagoning, buck-passing, etc.*), ou em termos de *internal balancing* (inovação, emulação, continuidade). A estratégia pode ser investigada e determinada empiricamente. A coesão das elites, passível de rastreamento qualitativo, é fundamental para o sucesso ou não dessa estratégia, e vai determinar a capacidade das elites regentes em extrair os recursos e mobilizar a sociedade para implementar a mesma. A variável independente, filtrada pela estratégia das elites regentes, vai estabelecer a política externa. Entende-se, na perspectiva do presente estudo, que tal modelo estaria alinhado com uma perspectiva *RealInnenpolitik* da política externa.

A ideia do modelo proposto (Figura 2) também não pretende originalidade. Conforme mencionado, Schweller (2006) obteve bons resultados ao compreender o comportamento da Inglaterra e da França no período entre guerras, desenvolvendo sua teoria de *underbalancing*, através da análise da coesão das elites. Além disso, o modelo se alicerça no Realismo Neoclássico e na tradição da Ciência Política. No entanto, defende-se que ele pode ser explorado em futuros estudos empíricos e formulações analítico-teóricas. (DALL'AGNOL, 2018) analisou a estratégia das elites no governo de Ronald Reagan. Descobriu-se que o alto grau de coesão das elites tornou possível a mobilização dos recursos e da sociedade para implementar um dos maiores *military build-ups* do século XX, mesmo diante da implementação de políticas austeras por parte do governo. Para tal, as elites econômicas, militares e governamental mobilizaram um imenso aparato (incluindo *think tanks*, universidades, indústria de alta-tecnologia, etc.). Em um cenário oposto pode-se observar-se que o governo de Barack Obama não obteve sucesso em suas prioridades de política externa devido à fragmentação das elites- em face a oposição da elite *neoconservadora*.

O presente tópico discutiu, de maneira sucinta, as principais críticas feitas ao Realismo Neoclássico, bem como os desafios enfrentados pelo programa de pesquisa. Argumentou-se no sentido de que um bom caminho para o programa é a investigação do nível doméstico de maneira *RealInnenpolitik*. Se bem-sucedida, tal empreitada consolidaria o Realismo Neoclássico como um programa de pesquisa ainda mais sólido nos estudos das Relações

Internacionais. Para tal, utilizou-se da teoria das elites para propor como poderia ser um modelo desse tipo.

V. Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar o nível doméstico de análise para o Realismo Neoclássico. Revisou-se alguns dos principais trabalhos desse programa de pesquisa nas últimas décadas, bem como o de seus críticos para identificar os possíveis limites e desafios do Realismo Neoclássico ao analisar o nível doméstico.

No primeiro tópico, buscou-se definir o Realismo Neoclássico como programa de pesquisa e diferenciá-lo de linhas alternativas, conforme primeiramente concebido por Gideon Rose (1998). Observou-se que a introdução de variáveis intervenientes domésticas para explicar anomalias da teoria *Waltziana* caracterizou os primeiros realistas neoclássicos. Baseado na obra de Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016) caracterizou-se também a evolução do Realismo Neoclássico para um segundo tipo, que buscava explicar o comportamento dos Estados de maneira mais geral. Em resposta às críticas, Ripsman, Lobell e Taliaferro propõem em sua obra de 2016 um terceiro tipo de realismo neoclássico, com a pretensão de formular uma teoria realista neoclássica da política internacional. Apresentou-se esse modelo no final do tópico.

Já o segundo tópico foi dedicado ao entendimento da temática central do presente estudo- o nível doméstico no Realismo Neoclássico- a partir do modelo (Figura 1) proposto por Ripsman, Lobell e Taliaferro (2016). Os autores organizam as variáveis intervenientes domésticas das pesquisas dos realistas neoclássicos em quatro categorias: a) *Percepção do Líder*; b) *Cultura Estratégica*; c) *Relações Estado-Sociedade* d) *Instituições Domésticas*.. Reconheceu-se que todas essas variáveis são importantes para a análise da política externa, no entanto, algumas distanciam-se do propósito de formulação teórica ou da elaboração de um modelo analítico realista da política internacional. Quanto a primeira, argumentou-se que não é plausível imaginar o FPE desconectado das forças domésticas e, portanto, esse grupo de variáveis não deve possuir maior valor causal. A *Strategic Culture* leva o Realismo Neoclássico ao ecletismo teórico, e ainda, a misturar ontologias irreconciliáveis. Quanto ao terceiro grupo de variáveis, observou-se ali os trabalhos mais frutíferos do Realismo Neoclássico, com destaque a teoria do *underbalancing* de Schweller (1998; 2006) e da teoria do *Resource Extraction* de Taliaferro (2009). Quanto as variáveis das *Domestic Institutions*, argumentou-se que embora importantes para análise empírica, a incorporação das instituições prejudicaria o modelo, tornando-o por demais complexo, ou seja, não aplicável. Concluiu-se que seguem

válidas as críticas ao Realismo Neoclássico feito por Walt (2002) de que a imensa gama de variáveis domésticas é aplicada de maneira *ad hoc* pelos realistas neoclássicos e não há distinção hierárquica clara entre as variáveis, mesmo no caso dos trabalhos analisados no grupo de *State-Society Relations*.

Feita a revisão crítica da literatura, o terceiro tópico dedicou-se as críticas levantadas ao Realismo Neoclássico, bem como a identificar as limitações e possíveis caminhos futuros para o programa de pesquisa. Viu-se que autores como Vasquez (1997), Legro e Moravcsik (1999) e Narizny (2017) argumentam que o Realismo Neoclássico havia abandonado o *núcleo duro* da tradição *Realpolitik* e havia se tornado degenerativo. Argumentou-se que tal crítica é infundada, na medida em que o Realismo Neoclássico vem há décadas produzindo frutíferas pesquisas. Ao contrário de Narizny (2017) defende-se aqui que o programa de pesquisa não deve ser abandonado. No entanto, concorda-se em partes com as críticas feitas pelos autores que o nível doméstico no Realismo Neoclássico havia transgredido os pressupostos realistas convencionais prejudicando o poder analítico do programa de pesquisa. Argumentou-se que uma possível solução para esse impasse seria organizar as variáveis domésticas de maneira sistemática, privilegiando aquelas ligadas à ontologia realista, na escala causal, a saber – materialismo, tribalismo, disputa pelo poder.

Frente ao discutido no tópico três, o estudo propôs um modelo preliminar, alicerçado em teorias de disputa pelo poder, de viés materialista, e nomotético, da Ciência Política. A teoria das elites se baseia em uma ontologia pessimista e o pressuposto do tribalismo, sem diferenciar a função Estados do Sistema Internacional. Isso cumpriria os requisitos para a exploração teórica e a formulação de um modelo analítico realista doméstico da política internacional. É nessa proposta, no entanto, que está a maior limitação do presente estudo. Trata-se de um modelo inicial que deve ser melhor explorado teoricamente e testado empiricamente. Pretende-se, em futuros trabalhos, desenvolver melhor as ideias apresentadas, principalmente com relação ao modelo proposto (Figura 2).

VI. Referências Bibliográficas

- ALLISON, Graham, ZELIKOW, Philip. *Essence of Decision: Explaining the Cuban Missile Crisis, 2nd ed.* London: Longman, 1999.
- BOBBIO, Norberto. *Ensaio sobre a ciência política na Itália.* Tradução Luiz Sérgio enriques. São Paulo: Editora Unesp, 2016
- BROWN, Michael E *et al.* *The Perils of Anarchy: Contemporary Realism and International Security.* Cambridge: MIT Press, 1995.
- CHRISTENSEN, Thomas J. *Useful Adversaries: Grand Strategy, Domestic Mobilization, and Sino-American Conflict, 1947–1958.* Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996.

- DAHL, Robert A. *Pluralist Democracy in the United States*. Chicago: Rand McNally: 1967
- DALL'AGNOL, G. F. *Economia Política da Guerra nas Estrelas: As elites Norte-Americanas e a construção de um escudo antimísseis*. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018.
- DUECK, Colin. *Neoclassical Realism and the National Interest: Presidents, Domestic Politics, and Major Military Interventions*. In: *Neoclassical Realism, the State, and Foreign Policy*, ed. Steven E. Lobell, Norrin M. Ripsman, and Jeffrey W. Taliaferro. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- ELMAN, Colin. *Horses for Courses: Why Not Neorealist Theories of Foreign Policy?* *Security Studies*, no. 6 (autumn 1996), pp. 7–53.
- FRIEDBERG, Aaron L. *In the Shadow of the Garrison State: America's Anti-Statism and Its Cold War Grand Strategy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000, p. 245–295.
- GOLSTEIN, Judith, KEOHANE, Robert O, eds., *Ideas and Foreign Policy: Beliefs, Institutions, and Political Change*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1993.
- HUDSON, Valerie M. *Foreign policy analysis: classic and contemporary theory*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2014.
- JERVIS, Robert. *Perception and Misperception in International Politics*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1976.
- KISSINGER, Henry A. *A World Restored: Metternich, Castlereagh, and the Problems of Peace, 1812–1822*. Boston: Houghton Mifflin, 1957, p. 326–8.
- KUPCHAN, Charles. *The Vulnerability of Empire*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1994.
- LEGRO, Jeffrey W, MORAVCSIK. *Is Anybody Still a Realist?* *International Security*, Vol. 24, No. 2 (Fall 1999), p. 5–55.
- LOBELL, Steven E, RIPSAN, Norrin M, TALIAFERRO, Jeffrey W, eds., *Neoclassical Realism, the State, and Foreign Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LOBELL, Steven E. *Second Image Reversed Politics: Britain's Choice of Freer Trade or Imperial Preferences, 1903–1906, 1917–1923, 1930–1932*. *International Studies Quarterly*, vol. 43, no. 4 (1999), p. 671–694.
- LOBELL, Steven E. 2018. *A Granular Theory of Balancing*. *International Studies Quarterly*, v. 62, n. 3, p. 593-605.
- McFARLAND, Andrew S. *Neopluralism: The Evolution of Political Process Theory*. Lawrence: University of Kansas Press, 2004.
- MILLS, Charles Wright. *The Power Elite*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2000.
- MILNER, Helen V. *Interests, Institutions and Information: Domestic Politics and International Relations*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- MILNER, Hellen V. *Sailing the water's edge: the domestic politics of American foreign policy*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- MINTZ, Alex; DeRouen Jr. *Understanding Foreign Policy Decision Making*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.
- MORGENTHAU, Hans J. *Politics among Nations: The Struggle for Power and Peace, 3rd edn*. New York: Alfred A. Knopf, 1964, p. 38.
- NARYZNI, Kevin. *On Systemic Paradigms and Domestic Politics: A Critique of the Newest Realism*. *International Security*, Vol. 42, No. 2 (Fall 2017).
- OLSON, Mancur. *The Logic of Collective Action*. Cambridge: Harvard University Press, 1965.
- RIPSAN, Norrin M, TALIAFERRO, Jeffrey W, LOBELL, Steven E. *Neoclassical Realist Theory of International Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- RIPSAN, Norrin M. *Peacemaking by Democracies: The Effect of State Autonomy on the Post-World-War Settlements*. University Park: Penn State University Press, 2002.
- ROSE, Gideon. *Neoclassical Realism and Theories of Foreign Policy*. *World Politics*, vol. 51, no. 1 (1998), p. 144–172.

- SCHWELLER, Randall L. *Deadly Imbalances: Tripolarity and Hitler's Strategy for World Conquest*. New York: Columbia University Press, 1998.
- SCHWELLER, Randall L. *The Progressiveness of Neoclassical Realism*, in *Progress in International Relations Theory: Appraising the Field*, ed. Colin Elman and Miriam Fendius Elman (Cambridge, MA: MIT Press, 2003), p. 311–347.
- SCHWELLER, Randall L. *Unanswered Threats: Political Constraints on the Balance of Power*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006.
- SNYDER, Jack. *Myths of Empire: Domestic Politics and International Ambition*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1991.
- STERLING-FOLKER, Jennifer. *Realist Environment, Liberal Process, and Domestic-Level Variables*. *International Studies Quarterly*, vol. 41, no. 1 (1997), p. 1–25.
- TALIAFERRO, Jeffrey W. *Neoclassical Realism and Resource Extraction: State Building for Future War*. In: *Neoclassical Realism, the State, and Foreign Policy*, ed. Steven E. Lobell, Norrin RIPSAN, M; TALIAFERRO, Jeffrey W. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- RESENDE-SANTOS, João. *Anarchy and the Emulation of Military Systems: Military Organization and Technology in South America, 1870–1930*. In: Benjamin Frankel, *Realism: Restatements and Renewal*. London: Frank Cass, 1996), pp. 193–260, at p. 199.
- TRUMAN, David B. *The Governmental Process: Political Interests and Public Opinion*. New York: Alfred A Knopf, 1971.
- TSEBELIS, George. *Tsebelis, Veto Players: How Political Institutions Work*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2002.
- VASQUEZ, John A. *The Realist Paradigm and Degenerative versus Progressive Research Programs: An Appraisal of Neotraditional Research on Waltz's Balancing Proposition*. *American Political Science Review*, vol. 91, no. 4 (1997), p. 899–912.
- WALKER, Jack L., Jr. *Mobilizing Interests Groups in America*. *American Political Science Review*, v. 77, 1991, p. 390-406.
- WALT, Stephen M. MEARSHEIMER, John J. *The Israel Lobby and U.S Foreign Policy*. Faculty Research Papers Series. Harvard University Press: 2006.
- WALT, Stephen M. *The Enduring Relevance of the Realist Tradition*. In *Political Science: State of the Discipline*, ed. Ira Katznelson and Helen Milner, New York: W. W. Norton, 2002, p. 197–230.
- WALTZ, Kenneth N. *International Politics Is Not Foreign Policy*. *Security Studies* 6 (Autumn 1996).
- WALTZ, Kenneth N. *Theory of International Politics* Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1979.
- WOHLFORTH, William C. *The Elusive Balance: Power and Perceptions during the Cold War*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1993.
- ZAKARIA, Fareed. *From Wealth to Power: The Unusual Origins of America's World Role*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1998.

Recebido em: junho/2019

Aprovado em: dezembro/2020